

GÊNERO E SEXUALIDADE EM LIVROS DIDÁTICOS DE CIÊNCIAS APROVADOS NO PNLD 2019: VIESES E DISPARIDADES EM JOGO

*Eixo Temático 20 – Gêneros e Sexualidades na Escola: em Foco os Materiais
(Para)Didáticos e a Atuação Docente*

Glenda Lanzoni Bolzan ¹
Luciana Palharini ²

RESUMO

Considerando a precariedade do ensino sobre sexualidade no Brasil, apontada por diversas autoras, e as discussões epistemológicas no campo da história das ciências e dos estudos de gênero, esta pesquisa analisou a abordagem de temas relacionados a gênero e sexualidade em livros didáticos de Ciências dos anos finais do ensino fundamental, aprovados pelo último PNLD (2019). Os resultados são parciais e evidenciam manutenção de tendências de ensino tecnicista, restrição da sexualidade à função reprodutiva, concepções do feminino baseando-se no masculino e extenso uso de discursos que reforçam padrões hetero-cisnormativos, em contraposição à apresentação de temas pertinentes ao combate de preconceitos e tabus no campo de gênero e sexualidade, colocados como conteúdos “extracurriculares”.

Palavras-chave: Livros didáticos, PNLD, Gênero, Educação em sexualidade, Epistemologias feministas.

¹ Graduanda do Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do ABC - UFABC, bolzan.glenda@aluno.ufabc.edu.br;

² Docente do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do ABC - UFABC, luciana.palharini@ufabc.edu.br.

INTRODUÇÃO E REFERENCIAL TEÓRICO

O presente trabalho, fruto de uma pesquisa em andamento³, objetivou investigar a abordagem de temáticas de gênero e sexualidade em coleções de livros didáticos de Ciências aprovadas pelo edital do PNLD⁴ de 2019.

A pesquisa parte de algumas problemáticas. Primeiramente, a precariedade da educação sobre sexualidade na escola, denunciada recorrentemente há anos, sobre seu caráter normativo e higienista, sua abordagem restrita à esfera reprodutiva, à prevenção das infecções sexualmente transmissíveis (IST) e da gravidez na adolescência, preconceito e LGBTQI+fobia por meio de discursos hetero-cisnormativos e excludentes (ALTMANN, 2007; FIGUEIRÓ, 2006; JUNQUEIRA, 2009; LOURO, 2013, 2003; MOREIRA e col, 2015). Aliados a isso, estão os retrocessos no campo educacional nos últimos anos no país. Monteiro e Ribeiro (2020), ao debater a temática, associam a supressão de termos ligados aos estudos de gênero e educação sexual na BNCC a fatores sociopolíticos, como o projeto Escola Sem Partido.

Em outro plano, pesquisas sobre análise de temáticas sobre gênero e sexualidade em livros didáticos (LD) de Ciências e Biologia de versões anteriores do PNLD apontam algumas discrepâncias conceituais e políticas, apesar de avanços e consolidação desta temática, como a pesquisa de Machado e Selles (2019), que aponta evidências de evolução sobre a abordagem do tema nos últimos anos, configurando-o como uma das tradições curriculares no ensino de Ciências, mas atualmente sob ameaça diante do conservadorismo no Brasil. Silva e Coutinho (2016, p. 191) identificam estruturas conceituais essencialistas, “produzindo uma forma de ignorância em biologia que possibilita o sexismo e a discriminação de gênero”. Além da ausência de conteúdos relevantes, como mostra a pesquisa de Silva e Silva (2014) sobre o tema da parentalidade juvenil, e a presença tímida da abordagem sociocultural do corpo na pesquisa de Reis e col. (2019).

3 A pesquisa conta com apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

4 O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) é um “conjunto de ações voltadas para a distribuição de obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, destinados aos alunos e professores das escolas públicas de educação básica do País” (FNDE, 2021, Programa do Livro). Fonte: Sítio oficial do Governo Federal. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12391:pnld>. Acesso em 30/07/2022.

Outra problemática da pesquisa é acerca dos aspectos epistemológicos na construção histórica de visões racistas e sexistas nas ciências a partir de seus objetos, sob os pressupostos da objetividade, neutralidade e universalidade da “Ciência” (FOX KELLER, 2006; LÖWY, 2000; MARTIN, 1991; SCHIEBINGER, 2001).

No campo das ciências biológicas, concepções estereotipadas de processos biológicos na produção dos objetos científicos, tal como a narrativa quase épica da concepção humana que partia da ideia de que o espermatozoide era ativo - herói da história –, enquanto o óvulo assumiria caráter passivo - espécie de “Bela Adormecida”, perdurou em muitos manuais sobre o assunto até a década de 1970 (MARTIN, 1991). Nos anos 1990, pesquisas evidenciaram um processo recíproco de atração e seleção do espermatozoide pelo óvulo na fecundação antes ignorado (FOX KELLER, 2006).

Ilana Löwy (2000, p. 31) destaca que não há como falar em saberes “universais” na ciência sem buscar compreender o que este conceito pode excluir ou esconder. Por isso, é necessário questionar o que é englobado por esse “universo” e, conseqüentemente, o que não é, visto que “não é porque são universais que os conhecimentos científicos circulam, eles são universais porque circulam”.

Questionamentos de autoras feministas negras, como Ochy Curiel (2014), na perspectiva do decolonialismo nas últimas décadas, também têm sido fundamentais na denúncia das implicações da noção de neutralidade na ciência e para a compreensão de que tanto a raça como o gênero foram constitutivos da *epistème* moderno-colonial, não sendo simples eixos de diferenças, mas diferenças produzidas pelo próprio colonialismo.

Assim como, para Butler (2014), não existem classificações intrínsecas aos próprios seres controlados, pois elas tornam-se realidade através de expressões práticas do poder regulador e seu discurso. A autora define gênero como “o aparato pelo qual a produção e a normalização do masculino e do feminino se manifestam junto com as formas intersticiais, hormonais, cromossômicas, físicas e performativas que o gênero assume” (BUTLER, 2014, p. 253).

Enquanto fonte documental, os LD podem revelar a forma como a construção científica de discursos hegemônicos acerca de determinados temas aconteceu historicamente e como ela se atualiza. Analisar seus discursos e conteúdos é compreendido aqui, portanto, como uma análise necessária sobre os aspectos históricos, sociais, políticos e culturais

intrínsecos à própria ciência veiculados por esses materiais (FOUCAULT, 2001; LÖWY, 2000).

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Esta é uma pesquisa qualitativa com uso de fonte bibliográfica de livros didáticos de Ciências do 8º ano do ensino fundamental – dada a normativa da BNCC que preconiza tais temas para este ano, na unidade temática “Vida e evolução” (BNCC, 2018, p. 346).

Entre as 12 coleções aprovadas, foram analisadas até o momento quatro delas, a saber: Companhia das Ciências e Inovar (Saraiva), Teláris – Ciências (Ática) e Araribá Mais (Moderna). Nos referiremos às coleções por C1, C2, C3 e C4, não correspondendo à ordem aqui descrita e sem menção específica a cada uma delas, por entendermos que os resultados das análises aqui empreendidas, ainda que estejam implicados em autorias e processos editoriais, extrapolam o endereçamento aos mesmos. A análise teve suporte teórico-metodológico da concepção foucaultiana de discurso e de referenciais do campo dos estudos de gênero.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As análises evidenciam tendências em comum, assim como disparidades. Foram elaboradas as seguintes categorias analíticas para uma breve discussão: organização dos conteúdos nos capítulos; abordagem e discursos apresentados; representação sobre fecundação e ciclo menstrual; apresentação do sistema genital feminino; descrição dos “hormônios sexuais”; imagens anátomo-fisiológicas; educação sobre sexualidade sob uma perspectiva sexual-afetiva; e abordagem na perspectiva sociocultural.

A organização geral dos conteúdos nos capítulos dos LD evidencia a tendência de se restringir a sexualidade, assim como a própria noção de gênero, à esfera reprodutiva. Em duas das quatro coleções analisadas, C2 e C3, os temas são apresentados em capítulos intitulados “Reprodução” e “Reprodução Humana”. A C1 os apresenta em capítulo à parte denominado “Vida e Evolução”, tal qual a BNCC (BRASIL, 2018), e na C4 o termo “reprodução” divide protagonismo com o termo “adolescência” no título geral da unidade de ensino. “Sexualidade” consta como parte do título de subcapítulos em apenas duas coleções (C2 e C4).

A segunda tendência observada é a presença de extenso tecnicismo e biologiscismo na linguagem, além de abordagem centrada, quase exclusivamente, na prevenção de IST e da gravidez na adolescência a partir de discursos catastrofistas e higienistas.

A prevalência da hetero-cisnormatividade no discurso é evidente na associação do sistema genital e dos hormônios “sexuais” à identidade de gênero em todas as coleções, o que tem sido problematizado há algumas décadas no campo epistemológico por Oudshoorn (1994), entre outras autoras. Assim como, a apresentação dos sistemas genitais em todas as coleções descreve o sistema feminino a partir de comparações com o masculino, evidenciando um discurso científico que define a mulher a partir de tudo aquilo que ela é ou não em comparação com o padrão masculino cisgênero.

Sobre a representação do ciclo menstrual, identificamos a presença de linguagem com viés de gênero e “personificação” das células gaméticas (MARTIN, 1991) em algumas coleções, onde os enunciados descrevem o ovócito II – célula feminina não diferenciada em óvulo antes da fecundação - como uma célula “imatura”. O viés não está nas características morfofisiológicas da célula em si, suas funções ou seu processo gametogênico, mas sim na maneira de apresentação do processo escolhida pelas coleções. Além da perspectiva da imaturidade celular feminina, sob uma espécie de personificação das células gaméticas já discutida por Emily Martin (1991) sobre temáticas similares, a abordagem induz à percepção de que a “maturidade feminina” somente se completa a partir do seu contato com uma célula masculina e, claro, do sucesso da fecundação.

Quanto às imagens anátomo-fisiológicas, há predominância de pessoas ou tonalidade de pele branca nas representações em três das quatro coleções analisadas. Por mais que as coleções utilizem termos como “cores fantasias”, é perceptível o privilégio de determinadas escolhas, ou seja, o padrão branco. Uma alternativa a esta problemática é a escolha de tonalidades de preto, cinza e branco presente nas ilustrações da C2, ressaltando mais as estruturas biológicas trabalhadas pelos conteúdos e menos a representação de tonalidades da pele ou, mesmo, a inclusão de outras tonalidades.

A abordagem sociocultural está presente nas coleções a partir de recortes, como discussões acerca de gênero, masturbação, gravidez na adolescência, aumento de casos de IST entre os jovens, consentimento nas relações sexuais, excesso de cesarianas no Brasil, entre

outras. Apesar de relevantes, existe uma aparente contradição entre esses discursos apresentados, muitas vezes como “conteúdo extra”, e o discurso dos conteúdos clássicos. Enquanto nestes, a linguagem mantém padrões técnicos e hetero-cisnormativos característicos do discurso médico-científico, os primeiros abordam assuntos pertinentes ao combate de preconceitos e tabus que rondam temáticas sobre sexualidade, gênero e reprodução, sem haver, entretanto, muito comprometimento com tais temas, colocados sempre como adendos e atividades extras.

Por fim, apenas uma das coleções (C3) traz a sexualidade em uma perspectiva sexual-afetiva, englobando assuntos sobre relacionamentos humanos, afetos e aspectos emocionais que envolvem a sexualidade humana, além da importância do consentimento nas relações (por mais que não utilizem o termo em específico inicialmente), o que é um avanço diante das demais, que não o fizeram de maneira tão extensa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados mostram a presença, em todas as coleções, de tendências de ensino tecnicista, restrição da sexualidade à função reprodutiva, concepções do feminino baseando-se no masculino, extenso uso de discursos que reforçam padrões hetero-cisnormativos e entrelaçamentos étnico-raciais nas apresentações dos processos biológicos, favorecendo a perpetuação de noções generificadas e racializadas sobre os corpos em papéis que refletem exclusões naturalizadas na sociedade, além da pouca importância sobre aspectos afetivos e socioculturais nas questões de gênero e sexualidade. São questões que têm sido bastante problematizadas nos últimos anos, não justificando tais escolhas pelas coleções, considerando o acúmulo de conhecimentos científicos nesses campos.

Neste sentido, os estudos de gênero, dentro das análises histórico-sociais das ciências, têm se colocado no papel de denunciar as lentes sexistas e racistas na constituição dos objetos científicos e a questão dos conhecimentos situados, o que tem adentrado o campo da educação, já que as desigualdades também se reproduzem no espaço da escola.

É fundamental que outras pesquisas investiguem tais temas, assim como temas de outra natureza, em livros didáticos, principalmente aprovados pelo PNLD, e especialmente em tempos de negacionismo da ciência e de retrocessos no campo social e político no contexto brasileiro para que tenhamos dados sobre o que tem sido destinado às(aos) jovens.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, H. A sexualidade adolescente como foco de investimento político-social. *Educação em Revista*. Belo Horizonte. n. 46. p. 287-310. dez. 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.
- BUTLER, J. Regulações de gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 42, p. 249-274, 2014.
- CURIEL, Ochy. Construyendo metodologías feministas desde el feminismo decolonial. In: AZKUE, Irantzu Mendia et. al. *Otras formas de (re)conocer*. Universidad del País Vasco, 2014.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. *Formação de Educadores Sexuais: adiar não é mais possível*. Campinas, SP: Mercado de Letras; Londrina, PR: Eduel. 2006, 328 p.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 7a ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001, 79 p.
- FOX KELLER, E. Qual o impacto do feminismo na ciência? *Cadernos Pagu*, n. 27, p. 13-34, jul-dez 2006.
- JUNQUEIRA, R. D. A "ideologia de gênero" existe, mas não é aquilo que você pensa que é. In: CÁSSIO, F. (org.). *Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar*. 1a ed. São Paulo, SP: Boitempo, 2019.
- LOURO, G. L. (Org.) *Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 9a ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- LÖWY, I. Universalidade da ciência e conhecimentos "situados". *Cadernos Pagu 15*, Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, p.15-38, 2000.
- MACHADO, L.; SELLES, S. E. Educação Sexual em livros didáticos de Ciências: abordagens culturais e silenciamento. *Anais do VIII Encontro Nacional de Ensino de Biologia*, p. 3557-3568, 2021.
- MARTIN, E. *A mulher no corpo: uma análise cultural da reprodução*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- MONTEIRO, S. A. de S.; RIBEIRO, P. R. M. Sexualidade e Gênero na atual BNCC: possibilidades e limites. *Pesquisa E Ensino*, v. 1, p. 1-24, 2020.
- MOREIRA, M. F. S.; MARTINS, T. L. T.; FREITAS, V. C. Direitos reprodutivos, parto e violência contra a mulher: o que está dentro/ fora da educação sexual dos jovens. XII Semana da Mulher: Mulheres, Gênero, Violência e Educação. In: *Anais do XII Semana da Mulher: Mulheres, Gênero, Violência e Educação*. Marília, SP: UNESP, 2015.

OUDSHOORN, Nelly. *Beyond the sexual body: na archeology of sex hormones*. New York: Routledge, 1994.

REIS, H.J.D.A.; DUARTE, M.F.S.; SÁ-SILVA, J.R. Os temas ‘corpo humano’, ‘gênero’ e ‘sexualidade’ em livros didáticos de ciências do ensino fundamental. *Investigações em Ensino de Ciências*, v. 24, n. 1, p. 223 - 238, 2019.

SCHIEBINGER, L. *O feminismo mudou a ciência?* Bauru: EDUSC, 2001, 382 p.

SILVA, F.A.R.; COUTINHO, F.A. Realidades Colaterais e a Produção da Ignorância em Livros Didáticos: Um estudo sobre os hormônios e a questão de gênero. *Investigação em Ciências*, v. 21, n. 3, p. 176 - 194, 2016.

SILVA, C.C.; SILVA, J.A.N. Educação sexual e parentalidade juvenil: Uma análise em três coleções didáticas do ensino de ciências. *Anais do Congresso Nordestino de Biólogos*, v. 4, 2014.